

## PUBLICIDADE LEGAL

# Comerciantes pedem revitalização da Azenha

Uma das soluções apontadas para a retomada econômica da região seria o resgate histórico do bairro da Capital

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

A aguardada revitalização do bairro Azenha, em Porto Alegre, voltou ao centro das discussões entre moradores e comerciantes diante do aumento da sensação de insegurança na região. No tradicional corredor comercial localizado entre as avenidas Ipiranga e Bento Gonçalves, empresários relatam uma rotina marcada por furtos, arrombamentos e invasões, muitas vezes realizados pelos telhados das edificações. Enquanto aguardam ações estruturais do poder público, parte da comunidade tem recorrido a soluções emergenciais para proteger imóveis e evitar novos prejuízos.

Nos últimos anos, tornou-se comum observar prédios residenciais e estabelecimentos comerciais com arame farpado e estruturas de proteção instaladas no alto das construções. A medida busca impedir a movimentação de criminosos sobre os telhados – uma modalidade de invasão que tem se tornado frequente em função das características arquitetônicas de parte das edificações antigas do bairro. O cenário levou um morador a definir essas proteções como “as trincheiras da Azenha”, expressão que passou a circular entre comerciantes e moradores ao descrever o ambiente de alerta permanente.

Presidente da Associação de Moradores e Comerciantes do bairro Azenha, Delmar Moers afirma que a entidade reúne diferentes segmentos da comunidade justamente porque os problemas estruturais e de segurança atingem moradores e empresários de forma semelhante. Segundo ele, o cenário se agravou especialmente após a pandemia, quando aumentaram os casos de furto de fios e equipamentos contendo cobre. “O roubo de fios, tubulações de ar condicionado, visando basicamente o cobre, estava por demais. Era dia sim, dia não, a gente tinha loja arrombada”, relata.

Moers relata que o impacto vai muito além do valor do material furtado. “Para quem está roubando, cinco ou seis metros de fio

é uma pedra de crack. Para quem precisa fazer a restauração, são dois ou três dias sem luz, perda de mercadoria e perda de clientes.”

O dirigente destaca que a intensificação das abordagens preventivas da Brigada Militar (BM) durante a madrugada ajudou a reduzir parte dessas ocorrências, embora ainda exista uma sensação de vulnerabilidade entre os comerciantes. “A legislação muitas vezes dificulta ações preventivas mais firmes por parte dos policiais”, acrescenta.

A forma como os crimes ocorrem também influenciou diretamente as medidas adotadas pelos proprietários de imóveis. Muitas construções da Azenha são antigas e não possuem lajes, apenas telhados com estrutura de madeira e forro, o que facilita o acesso pelo alto. “Por isso caracteriza esse excesso de arames farpados instalados. Fica uma aparência muito feia”, observa Moers. Segundo ele, a prioridade acabou sendo a proteção, mesmo com prejuízo estético para o bairro. “A partir de um certo ponto, as pessoas acabam não se preocupando mais com a estética. Elas procuram a proteção.”

Além da criminalidade, o dirigente aponta um crescimento da população em situação de rua e do consumo de drogas na região. De acordo com ele, itens furtados acabam sendo usados como moeda de troca. A presença desse cenário social também impacta a percepção de segurança.

Apesar dos problemas atuais, Moers acredita que o bairro possui forte potencial de revitalização, especialmente por sua relevância histórica. Ele lembra que a região reúne marcos importantes da cidade. “A Azenha tem uma característica histórica muito forte, mas totalmente esquecida. A Ponte da Azenha foi o local da primeira batalha da Revolução Farroupilha. Elis Regina iniciou a carreira dela aqui. Lupicínio Rodrigues teve a casa dele aqui na Carlos Barbosa”, destaca.

Para o dirigente, o novo Plano Diretor pode abrir caminho para a renovação urbana da área. “Se o plano for aprovado, haverá incentivo em índice construtivo para as



Nos últimos anos, tornou-se comum observar prédios com arame farpado e estruturas de proteção instaladas

lojas se modernizarem. O mercado imobiliário puxa o desenvolvimento local”, afirma, defendendo também melhorias em calçadas e infraestrutura para estimular a circulação de pessoas.

No comércio local, a insegurança também tem alterado rotinas. Dono de uma banca de revistas na região, Paulo Sérgio Araújo da Silva, que também integra o quadro da associação do bairro, afirma que a vigilância permanente passou a fazer parte do dia a dia. “A gente tem que estar sempre cuidando da segurança. Tem que botar muita tranca e alarme no estabelecimento”, relata.

Ele confirma que a instalação de arame farpado se tornou comum entre os lojistas, embora reconheça o impacto visual negativo dessa solução improvisada. “É para dificultar a ação dos criminosos. O aspecto do bairro fica muito feio”, afirma.

Para o comerciante, uma revitalização urbana seria fundamental para recuperar a atratividade da região. “Tinha que ter uma revitalização nos prédios para deixar mais bonito e dar boa visibi-



Morador define proteções como “trincheiras da Azenha”

lidade. Isso é muito importante para o bairro”, diz, acrescentando que os próprios lojistas poderiam colaborar caso houvesse uma iniciativa coordenada.

A insegurança também afetou atividades comunitárias tradicionais. Segundo Paulo Sérgio, a associação precisou cancelar neste ano a festa de Natal voltada às crianças do bairro. O evento reunia moradores e comerciantes em

torno da chegada do Papai Noel e contava com patrocínio dos lojistas. “Este ano, infelizmente, a gente teve que abortar por questão de segurança. É uma pena, se perde um espaço importante”, lamenta.

Enquanto a revitalização urbana não se concretiza, moradores e comerciantes seguem adaptando seus imóveis e rotinas para enfrentar a criminalidade.

OSNI MACHADO/JC

OSNI MACHADO/JC